

BULLYING, CYBERBULLYING E COMPORTAMENTOS DE AUTOLESÃO

Ana Luisa Asti Lima

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Patricia Tiemi Campos Taniguchi

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Sandra Pereira de Souza Marques

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Fabiana Ferrari

Mestre em Linguística – UFMS;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Janaina Soares Siculo

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Alguns saberes têm apresentado e destacado estudos na psicologia sobre a dor de crianças e adolescentes e suas autolesões corporais. Com a facilidade atual das pessoas se conectarem nas redes sociais pode facilitar perseguição, discriminação, violências às crianças, adolescentes e adultos. O grito silencioso dos objetos cortantes tem muitas vezes sido a melhor companhia dos adolescentes que se automutilam. Desta forma o presente artigo pretende estabelecer um paralelo entre os fenômenos sociais do *bullying*, *cyberbullying* e o comportamento de autolesão na adolescência. Há a necessidade da verbalização entorno desses fenômenos sociais, para desnaturalizar a ideia de *bullying* como brincadeiras normais e como exagero da mídia ao noticiar. Vítimas de *bullying* ou *cyberbullying* são marcadas pelo sofrimento psíquico, podem desenvolver traumas que se apresentarão como patologias ou transtornos, transitório ou por toda vida. Frente a esse sofrimento o adolescente busca formas de aliviar a dor psíquica no isolamento social, uso de drogas que entorpeçam a dor ou na autolesão, onde a dor física promove alívio da dor psíquica, entre outras formas. Embasado na literatura, relatos nas redes sociais, casos verídicos, relatos, reportagens. Um tema fenômeno social que causa sofrimento e se torna necessário fomentar o diálogo com a sociedade, com o objetivo de subsidiar meios para promover o enfrentamento e prevenção de tais fenômenos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: *bullying*, *cyberbullying*; autolesão.

1 INTRODUÇÃO

“Eu quero viver nessa metamorfose ambulante.
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo,
Sobre que é o amor.
Sobre o que eu nem sei quem sou”
Raul Seixas (1973)

A adolescência é o período de transição da infância para a vida adulta, período

esse marcado por diversas mudanças biológicas, cognitivas e sociais. A música composta por Raul Seixas (1973), *Metamorfose Ambulante*, caracteriza bem o conflito da fase, onde os jovens produzem seu repertório comportamental segundo a sua percepção de mundo, suas próprias experiências, e, por muitas vezes, para formar sua personalidade. Tem que questionar ou romper com o que acreditam ser a velha opinião formada pelos pais, professores, adultos em geral.

Isso ocorre principalmente quando no diálogo, o adulto impõe sua percepção ao jovem sendo que ele próprio ainda não a formou. Respeitar esse espaço é necessário para a transição e ao mesmo tempo apoiar, cuidar, zelar e amar. Representam limites por vezes tênues entre a necessidade dos jovens se frustrarem para se adaptarem e se desenvolverem e dos pais permitirem que resolvam seus próprios problemas, caracterizado pelo processo de socialização para Sttat (1978), e como período de transição e maturação para Knobel (1981).

A adaptação do jovem faz parte do seu desenvolvimento, onde a escola seria o ambiente de socialização e contato com pares, e onde toda dinâmica grupal seria marcada por diferentes papéis, que são conquistados pelo jovem segundo seu ajustamento social. O papel de líder seria um deles. Entre os pares, o líder tem poder e popularidade que pode ser conquistado por respeito, identificação ou por medo.

O agressor no *bullying* desempenha o papel de líder, buscando a visibilidade e poder de um grupo que pode estar unindo-se ao agressor para não se tornar vítima dele. O *bullying* pode ser direto ou indireto, sendo que no *bullying* direto são apresentadas agressões físicas e maior incidência em meninos, e entre as meninas o *bullying* indireto seria mais frequente, consistindo em agressões silenciadas demonstrando várias vozes à vítima. As ofensas violentas, difamações, mentiras, palavras pejorativas entre outras podem deixar graves sequelas emocionais à vítima. O *cyberbullying* se enquadra no *bullying* indireto. (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009).

Falar de comportamentos violentos e agressivos é um papel bem complexo para as pessoas que de alguma forma parecem evitar ou até se esquivar de falar sobre fatos e atos que envolvam crianças e adolescentes. Nossa cultura pode possibilitar opções de intervenção como também impossibilitar, se considerado como natural da idade, ou fenômenos sociais do modismo.

A tecnologia da informação (TIC), com seu desenvolvimento e avanços nas mais diversas áreas, vem envolvendo todos nós seres humanos. Essa tecnologia que

tem ganhado espaço na vida de crianças e adolescentes os tornando cada vez mais atraídos pela visibilidade de estar em diversos lugares ao mesmo tempo, criando perfis falsos omitindo idade e características pessoais.

O termo *bullying* acontecia em telefonemas ofensivos, após o desenvolvimento da internet o *bullying online (cyberbullying)* acontecia e acontece no *messenger, orkut, facebook, twiter, instagran, redes sociais em geral*. Diante de vários conceitos surgidos para definir *cyberbullying*, segundo Belsey (2006), o ciberespaço mostra também uma rede de vários comportamentos hostis, agressores direcionando violências a um indivíduo, grupos, culturas, etnias com intenção de causar danos.

No mundo virtual, vítimas viram agressores, e os agressores estendem o alcance para além do ambiente escolar, dando a impressão de não haver regras, leis ou lugares seguros. Há dificuldade em detectar os *cyberbulliyings*, e logo provar a autoria, produzindo assim uma sensação de impunidade, apesar de o Brasil possuir leis e política de prevenção na rede pública de ensino. Assim, o *cyberbullying* causa preocupação por ser uma extensão do *bullying* escolar (TOGNETTA; BOZZA, 2010).

Corroboram para que essas vítimas sofram na maioria das vezes caladas, por acreditarem que devem resolver seus problemas sozinhas, ou acreditam que se contarem ficará pior, e quando o fazem, os adultos minimizam os danos por acreditarem serem fenômenos sociais comuns da idade.

Esse sofrimento psíquico aliado ao estressor diário pode acometer a saúde psíquica desse jovem, desencadeando psicopatologias. Compromete a interação social das vítimas que se isolam e buscam formas de aliviar essa sensação de não aceitação, de desajuste. Essas emoções impulsionam o adolescente a comportamentos impulsivos, comuns da idade devido à imaturação do sistema límbico (GIUSTI, 2013; PAPALIA, 2013; KNOBEL, 1981).

As vítimas, para ajudar o alívio da dor psíquica, podem se submeter as mais diversas fugas, como comportamentos agressivos, uso de drogas para entorpecer a mente e comportamentos de autolesão. O ato de auto infligir dor física, busca o alívio da dor psicológica, tem sido uma forma de buscar expressar sua dor, pois a desesperança desse indivíduo pode levá-lo ao suicídio.

2 OBJETIVOS

O artigo pretende evidenciar que na adolescência, fenômenos sociais como

bullying e *cyberbullying* podem corroborar para o comportamento de autolesão e adoecimento psíquico.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O referido trabalho buscou, a partir de revisão bibliográfica em livros, artigos, cartilhas e sites na internet relacionados ao *bullying*, *cyberbullying*, mutilação, automutilação e autores como Papalia, Knobel, Statt e Giusti, compreender os fenômenos sociais relacionados ao período de transição da adolescência e explicitar a importância do apoio familiar e de educadores para promoção, prevenção e enfrentamento de tais fenômenos.

4 PROBLEMATIZANDO O *BULLYING*, *CYBERBULLYING*

No período da adolescência, o indivíduo sofre mudanças biológicas e psicológicas, marcadas pela transição da identidade infantil e a nova identidade adulta em construção. Esse conflito gera sofrimento, confusão, revolta e transtornos, já que eles se sentem incompreendidos e julgados. Essa tensão seria apaziguada pela maturidade biológica, em comunhão a maturidade afetiva e intelectual, que ocorre após um longo processo no qual o indivíduo precisa do apoio familiar e social para que passe por essa transição da melhor maneira possível (KNOBEL, 1981).

Para compreender o ambiente, as funções cerebrais organizam e interpretam as informações sensoriais, os padrões internos são influenciados pela percepção que temos do mundo, e é desse processo que ocorre o desenvolvimento cognitivo do jovem (STATT, 1978).

As mudanças biológicas, hormonais no início da adolescência, seriam responsáveis pela emotividade e instabilidade de humor, marcados por angustia, ansiedade, hostilidade e revolta. No cérebro do adolescente, a amígdala faria o processamento das emoções, responsável por respostas instintivas, e então somente com a maturação dos lóbulos frontais se desenvolveria um repertório comportamental baseado na racionalização e autocontrole. A percepção das emoções pela amígdala justificaria comportamentos explosivos e instintivos dos adolescentes (PAPALIA, 2013).

Para a neurobiologia, o comportamento de autolesão pode estar associado a

alterações funcionais neurobiológicas dos sistemas serotoninérgico, dopaminérgico e opioide. Os medicamentos para regulação desses sistemas ainda estão em estudo; uma dificuldade é que a maioria dos testes é realizada em animais (GIUSTI, 2013).

As mudanças afetivas seriam evidenciadas no modo que o adolescente passa a se relacionar com o outro, a se distanciar dos pais em busca de uma independência no sentido de pensar e agir por conta própria, ou seja, para se livrar da identidade infantil em que os pais tendem a tentar manter a todo custo. Há uma intensificação da vida social, onde se liga a grupos que comungam das mesmas ideias, adolescentes em busca de uma ideologia para expressar suas convicções e sua idealização de mudar o mundo, estando sucessíveis a todos os tipos de influências, caracterizando o risco na adolescência (KNOBEL, 1981).

Possuem um senso de justiça maior comparados aos adultos, e esse senso reflete as condições educacionais e socioeconômicas do indivíduo, que seriam evidências que o desenvolvimento moral diferiria do desenvolvimento cognitivo, que não evoluem paralelamente. Esse desenvolvimento moral sofre influência afetiva, através do diálogo estabelecido pelos pais, pares e a cultura em que o adolescente está inserido (PAPALIA, 2013).

Quando os pais não estabelecem uma ligação afetiva baseada no diálogo no período da infância, o diálogo na adolescência se torna muito mais difícil. O período é marcado então por uma fase em que o comportamento normal e o comportamento patológico seriam delimitados por uma linha tênue, muitas vezes julgados por adultos que não compreendem esse período de transição do filho, onde a normalidade estaria relacionada a adaptação desse adolescente ao meio que se encontra (KNOBEL, 1981).

O adolescente está no processo de autoconhecimento e formação de identidade, um período de experimentação que o faz testar, contestar e muitas vezes revoltar-se com tais padrões (KNOBEL, 1981). Nas palavras de Ana Freud (apud KNOBEL, 1981, p. 27) em relação à adolescência,

[...] muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência, e considera que, na realidade, toda a comoção deste período da vida deve ser considerada como normal, assinalando também que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente.

Knobel (1981) salienta que o adolescente tem momentos de introspecção e extrospecção que alteram seu estado de humor, variando entre dependência que o

coloca em um sofrimento psíquico até depressivo e a independência que o leva a ação e enfrentamento da transição, denotando as influências dos fatores sociais e históricos do adolescente.

O processo de adolescência pode ser relacionado à música *Metamorfose Ambulante*, onde apresenta diferentes mudanças que dizem respeito ao indivíduo, como ele vê e como se relaciona com o mundo, busca a construção de sua própria identidade muitas vezes renegando a visão normativa e naturalizam-te dos adultos, ao mesmo tempo em que sente as mudanças em seu corpo e sua mente, sem saber ao certo o que sente (SEIXAS, 1973).

A escola permite a mudança de contexto, onde o convívio com pessoas da mesma idade gera uma experiência que difere do contexto de grupo familiar, onde seu papel era de subordinação e dependência a um grupo formado por pares que deve conquistar seu lugar e respeito. Entende-se por pares, “[...] duas ou mais pessoas que interagem em níveis similares de complexidade comportamental” (SHAFFER, 2009, p. 596).

Alguns problemas emocionais observados na adolescência podem desaparecer com a transição ou vir a indicar possíveis transtornos como transtorno desafiador de oposição, transtorno de conduta, fobia social, transtorno de ansiedade, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno obsessivo compulsivo e transtorno de humor como a depressão infantil devem ser observadas e diagnosticadas o quanto antes (PAPALIA, 2013).

Uma hipótese para esse tipo de comportamento desaparecer na vida adulta seria, de acordo Papalia (2013, p. 386), pelo fato de que adolescência é “[...] uma transição no desenvolvimento que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos”.

No processo de socialização, o jovem aprende que alguns comportamentos são socialmente reforçados e outros comportamentos sofrem reforço aversivo (punições), e a sociedade espera que o jovem, ao se desenvolver, apresente um padrão de relacionamento com os outros (STATT, 1978).

Teixeira (2013) conceitua a palavra *bullying*, sendo *bully* (valentão, briguento), entretanto, não possuindo correspondente na língua portuguesa e sim de origem inglesa, representando agressividade marcada por uma discrepância de poder entre

agressor e a vítima.

O ministério público da Paraíba promoveu a cartilha (2009) “*Bullying* não é brincadeira”, justificando o nome alegando que para ser brincadeira, as partes envolvidas deveriam se divertir, e no caso do *bullying* apenas o agressor se diverte usando a vítima como objeto, como brinquedo. O projeto aponta como principais vítimas de *bullying* os isolados, os diferentes e os indefesos, alertando ainda sobre a postura das testemunhas que se mantem caladas e indiferentes aos episódios, por medo ou insegurança.

A cartilha “*Bullying*” (Brasília, 2010) chama a atenção da responsabilidade de pais e educadores em relação aos agressores em regular limites, em serem exemplos vicários, reconhecer se existe contexto condicionantes que possam corroborar para que esses jovens expressem agressividade através do *bullying* ou na pior das hipóteses que seja um transgressor que não tenha acolhimento nem empatia pelo outro.

O fenômeno social *bullying* pode se caracterizar como uma manifestação violenta, podendo ou não começar de maneira intencional, a fim de intimidar, humilhar e rebaixar a vítima. A palavra não tem tradução exata para a língua portuguesa, mas é comumente traduzida como “intimidação” ou “humilhação”; *bully*, em inglês, pode ser entendido como “valente” (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010).

O mesmo pode ocorrer em qualquer nível social e com ambos os sexos, entretanto há uma prevalência em meninos como agressores expressivos (que são mais fáceis de identificar), enquanto as meninas praticam uma forma de *bullying* mais difícil de ser enxergada claramente, como as difamações. Percebe-se então que esse fenômeno não precisa ser necessariamente manifestado com agressões físicas, mas também como ameaças, fofocas, acusações ou injúrias que conseqüentemente causam a exclusão da vítima do ambiente em que ela está (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010).

Por ser um processo que ocorre, normalmente, de forma coletiva, em grupos, onde um ou mais alunos promovem ações violentas com a intenção de magoar, denegrir, excluir ou intimidar outro aluno, enquanto nenhum adulto está atento à situação, o ambiente escolar é a esfera com mais casos, já que envolve diretamente a relação entre crianças e adolescentes passando pelos seus respectivos períodos de transição (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010).

Devido às manifestações estarem sendo mais evidenciadas do que nos tempos antigos, há um aumento na busca de pais, educadores, governo e alunos na tentativa de prevenção desse fenômeno. Em 6 de novembro de 2015, foi sancionada a Lei 13.185 que combate a intimidação sistemática, conhecida como *bullying*.

Cyberbullying, segundo Slonje e Smith (2008), é visto como uma emergência do termo *bullying* que está em grande recorrência nas tecnologias modernas, internet, telefones celulares, tablets e deixa a vítima ficar à mercê das ofensas violentas, mesmo quando não estão em escolas, empresas ou qualquer tipo de lugar aberto, podendo estar simplesmente em seu quarto.

O *cyberbullying* pode agir como uma extensão do *bullying* para as redes sociais. É através da internet, mais especificamente por computador ou telefone celular, que o agressor consegue atingir ao seu alvo, enviando mensagens com conteúdo impróprio e difamando a vítima. Como a internet possibilita ao agressor esconder sua verdadeira identidade, as consequências para a vítima podem ser ainda maiores, já que o anonimato dificulta a proteção da integridade de quem sofre com o *cyberbullying* (TOGNETTA; BOZZA, 2010).

A agressividade virtual, manifestada no *cyberbullying*, tem ferramentas de alta propagação e pode provocar sofrimento psíquico a vítima, segundo Wendt, Campos e Lisboa (2010), que denota a importância da escola de desenvolver estratégias para evitar que ocorra. Segundo Giusti (2013), os eventos traumáticos, transtornos mentais, problemas relacionados à infância com contexto de negligência familiar, *bullying* e *cyberbullying* são fatores de risco que podem contribuir para desencadear o comportamento de autolesão ou automutilação.

Os adolescentes que são vítimas de *bullying* e *cyberbullying* muitas vezes se isolam, sofrem psicologicamente, sentem desesperança em relação a relacionamentos interpessoais e sociais, e formam sua identidade embasada em pensamentos tóxicos, onde a vítima que tenta evitar tais episódios sofre medo, ansiedade, angústia e depressão, podendo levá-la desenvolver uma patologia (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010). Segundo Olweus (1993), as vítimas de *bullying*:

[...] podem ser passivas, ou seja, isoladas (excluídas), introvertidas e/ou inibidas; apresentam uma percepção negativa de si mesmas e da situação em si, pois não conseguem vislumbrar alternativas para mudar a situação. Também podem ser provocativas, ao apresentar comportamento agressivo e/ou ansioso, que pode irritar ou provocar tensão no contexto grupal em que estão inseridas. Geram, por consequência, a exclusão do grupo de pares (OLWEUS, 1993 apud LISBOA, 2009, p. 63).

É fato então que os fenômenos do *bullying* e do *cyberbullying* têm consequências inevitáveis para quem sofre com eles. Algumas delas podem ser depressão, ansiedade, sentimentos de angústia, desajuste social, desespero, a autolesão e por fim, em diversos casos, essas consequências podem levar ao suicídio (GIUSTI, 2013).

O DSM-5 (APA, 2014) propõe diretrizes para estudos posteriores do comportamento de Autolesão Não Suicida, e apresenta alguns critérios denotando a necessidade de estudos e pesquisa do comportamento caracterizado pela presença de mais de cinco episódios de autolesão no ano, sem a intenção de suicídio, com o objetivo de aliviar tensão emocional, resolver problemas interpessoais ou sentir alívio através do comportamento de autolesão.

De acordo com Silva (2012, p. 7), “[...] automutilação pode ser definida como qualquer comportamento intencional envolvendo agressão física direta ao próprio corpo com o propósito de aliviar dores emocionais”. Não há intenção suicida consciente.

Os métodos comumente usados seriam cortes, podendo ser feitos com diferentes materiais. Esse comportamento surge normalmente na adolescência, e muitos não busariam tratamento, pelo ato de infligir dor ao corpo promover sensação de alívio, conseqüentemente reforçando positivamente o comportamento ou pelo comportamento fugir dos padrões normais da sociedade resultando em vergonha (GIUSTI, 2013).

Frente à importância do assunto, o Senado Federal, a partir da CPI dos Maus tratos contra criança e adolescente, no biênio 2017/2018, sentiu a necessidade de desenvolver uma cartilha que abordasse o assunto “Vamos Conversar Sobre Prevenção da Automutilação?” que justificou:

A Autolesão Não Suicida (ASIS) é um fenômeno descrito de longa data, porém tem se constituído como um grande sintoma da sociedade atual, ganhando adeptos principalmente na população jovem, especialmente pela propagação no ambiente virtual e maior exposição nos veículos de mídia, tendo seu ápice no primeiro semestre de 2016, com as notícias do jogo da baleia azul. Fonte constante de preocupação, sobretudo no contexto familiar e escolar, a Autolesão Não Suicida (ASIS) ganhou destaque na CPI dos Maus-Tratos contra a criança e adolescente, sendo um dos temas debatidos (BRASIL, 2017).

O senado chamou de “grande sintoma da sociedade atual” e denotou a propagação do comportamento de autolesão relacionando ao ambiente virtual, nesse

sentido DSM-5 (APA, 2014, p. 14), postula que “[...] os transtornos mentais são definidos em relação a normas e valores, culturais e sociais e familiares”. A propagação do comportamento de autolesão denotou a importância fomentar discussões, que segundo Silva (2012) até momento, havia desinteresse pelo comportamento ser comum no período da adolescência e na maioria das vezes, desaparecer na idade adulta.

Segundo Moura (2011), estudos sobre o *bullying* são recentes e mundiais, ganharam visibilidade após vítimas de *bullying* cometerem suicídios. O artigo referência casos de *bullying* que aconteceram no Brasil, apontando o papel da mídia que explora o fato, as vítimas, sem alertar dos mecanismos sociais envolvidos, que os agressores precisam de ajuda, as testemunhas precisam de ajuda e pais e educadores precisam ficar atentos, realizando ações de prevenção e enfrentamento.

Os relatos de automutiladores, retirados de um blog por Fortes (2017), demonstram adolescentes com histórico de vivências traumáticas que usam a automutilação para aliviar a dor psíquica, por sentirem-se sozinhos e sem ninguém para compartilhar, iniciam o corte por desviar a dor psíquica para dor física como se estivessem gritando aos ventos com o mais forte do som de seus gritos sua dor, mas infelizmente isso muitas vezes torna-se um vício de alívio.

Silva (2012) aponta que se torna imprescindível descobrir o motivo, a causa por trás do sintoma de ansiedade desse jovem, que leva a esse comportamento de distúrbio emocional ou patológico para dessa forma poder oferecer a melhor condição para restabelecimento desse indivíduo.

O automutilador precisa de acompanhamento medicamentoso e psicoterapia, individual e familiar, para ajudar em sua recuperação viciosa de alívio. Um tratamento que é necessárias mudanças comportamentais, dedicação dos familiares e pessoas próximas da vítima (BARBAI, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que fenômenos sociais como *bullying* e *cyberbullying* e comportamentos de automutilação ou autolesão por muito tempo foram negligenciados e tidos como comportamentos normais da fase de transição da adolescência, marcada por um normal sofrimento do adolescente, onde a patologia e normatização seguem separadas por uma linha tênue.

É necessário que a família e a sociedade se coloquem no papel de vigilantes aos comportamentos, em alerta aos pedidos de socorro desses jovens, para que não passem despercebidos ou que não evoluam para psicopatologias ou sócio patologias que possam desencadear, em casos extremos, o homicídio ou suicídio.

O agressor pode também ter sido vítimas de violências no passado ou ainda estar sendo agredido, transferindo essa dor lesionando seu corpo e ou direcionando essa raiva de forma violenta ao outro, seja ele qual for. Essa irá é enviada a este outro, conhecido ou não, através dessa ferramenta muito valorizada na contemporaneidade a internet.

Assim, o indivíduo sai de vítima para agressor, ou seja, há a criação de um ciclo vicioso de poder onde quem manda e está no poder é o agressor, mesmo este vivendo em um mundo de vítima de si e silêncio ou vozes de agressões violentas nas redes sociais.

Em uma sociedade capitalista e individualista atual, a grande questão para a prevenção e enfrentamento desses fenômenos sociais, consiste em promover o respeito e diálogo, permitindo que as diferenças em todos os aspectos sejam aceitas. Respeitar o outro, seu tempo, seu jeito, seus modos e valores e dialogar sobre as diferenças e as diversidades, sabendo-se que as diferenças não precisam ser motivo de opressão, segregação ou dor, mas sim podendo ser fonte de conhecimento, de curiosidade e de construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ARAUJO, J. F. B. de et al. O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, ago. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27.jun.2018.

BARBAI, M. A. Palavras que podem ferir: O termo Bullying em dicionários de Língua Inglesa e na Imprensa do Brasil. *Revista Signo y Sena*, v. 27, p. 89-106, jun de 2015, Facultad de Filosofía y Letras (UBA). Disponível em: <<http://revistas.flo.uba.ar/index.php/sys/index>> Acesso em: 20 Out. 2018.

BELSEY, B. Cyberbullying: An emerging threat to the 'always on' generation. 2006.

Acesso em: set. Disponível em:
<http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf>

BRASIL. Decreto-lei no 5.452, de 1 de maio de 1943. Lex: coletânea de legislação: edição federal, São Paulo, v. 7, 1943. Suplemento.

BRASIL. Lei nº 13.185. Brasília, 6 de Novembro de 2015.

BRASIL. Senado federal. CPI dos maus tratos contra criança e adolescente: Vamos falar sobre a prevenção da automutilação. Brasília- DF. 2017/2018. Disponível em: <<http://www.crianca.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/Vamos-Conversar-sobre-prevencao-da-automutilacao2.pdf>> Acessado 15. Set. 2018

DA SILVA, P. M. Automutilação na adolescência: o acesso a tratamento médico como direito fundamental. 2012. Disponível em: <<http://www.mutuadosmagistrados.com.br/sitemutua/wp-content/uploads/2014/07/AUTOMUTILACAONAADOLESCENCIA.pdf>> Acesso em 30.jun.2018.

DE MOURA, L. O. S.; NUNES, D.; DE LIMA, M. A. Bullying: a vulgarização de um conceito na mídia. 2011. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/RE_0608_0634_01.pdf>. Acesso em: 22.set. 2018.

SCOREL, S. S. da N.; SCOREL, A. B.; BARROS, E. E. de F. Bullying não é brincadeira. 2009. Disponível em: <http://new.netica.org.br/files/cartilha_bullying.pdf>. Acesso em: 03 set. 2018.

FORTES, I.; KOTHER MACEDO, M. M. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade*. Psicogente, Barranquilla, v. 20, n. 38, p. 353-367, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372017000200353&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27.jun.2018.

GIUSTI, J. S. Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. 2013. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Acesso em: 22. set. 2018.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico, 1981.

LISBOA, C.; BRAGA, L. de L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. Contextos Clínic, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 59-71, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-

34822009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02. jul. 2018.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. 12 ed. Porto Alegre: AMGH. 2013.

SALLES, A. de M.; NETO, C. H. A.; COSTA, F. B. Vamos conversar sobre Prevenção da Automutilação?. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1mS6PyR4VbRQjoUUBRAAtgu1lr9VGMv5c2/view>>. Acesso em: 03.set. 2018.

SEIXAS, R. Metarmofose Ambulante: Krig-há Bandolo! Philips. 1973. Disponível em <www.vagalume.com.br/raul-seixas/metarmofose-albulante.html> Acesso em: 22. set. 2018.

SHAFFER, D. R. Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. 6 ed. São Paulo: Cengage Learning. 2009.

SILVA, A. B. B. Bullying: Cartilha 2010 - Projeto Justiça nas Escolas. 2. 2015. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/04/0d95535ddf206bc192c4e05356e35c83.pdf>>. Acesso em: 03.set. 2018.

SMITY, P. K. et al. Bullying in different contexts: Commonalities, differences and the role of theory. Disponível em: <https://www.academia.edu/629345/Bullying_in_different_contexts_Commonalities_differences_and_the_role_of_theory>. Acesso em: Set. 2018.

STATT, D. A. Introdução à psicologia. São Paulo: Haper e Row do Brasil LTDA. 1978.

TEIXEIRA, G. Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

TOGNETTA, L. R.; BOZZA, T. L. Cyberbullying: quando a violência é virtual - Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In: GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. Anais do I Seminário Violar: Problematicando juventudes na contemporaneidade. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010.

WENDT, G. W.; CAMPOS, D. M. de; LISBOA, C. S. de M. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. Cad. psicopedag., São Paulo, v. 8, n. 14, p. 41-52, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22. set. 2018.